

Admirável Chip Novo sob as lentes do dialogismo e da Teoria Ator-Rede: um manifesto ciborgue

Admirável Chip Novo under the lens of Dialogism and Actor-Network Theory: a cyborg manifesto

Admirável Chip Novo bajo la Lente del Dialogismo y la Teoría del Actor-Red: Un Manifiesto Ciborg

RESUMO

Objetivou-se realizar uma análise através da Teoria latouriana Ator-Rede e do dialogismo bakhtiniano para revelar relações dialógicas advindas do confronto entre a canção Admirável Chip Novo e a assimetria da modernidade. Para isso foi adotada uma metodologia qualitativa interpretativista. Esse exercício demonstrou um diálogo importante para com os pressupostos teóricos do pós-humanismo. Nas considerações analíticas, observou-se que a música, através de um ponto de vista que pautou a modernidade enquanto mito, revelou que o ser humano sempre foi híbrido e que essa característica se consolida como uma faceta da constituição do ser. Assim, concluiu-se que a tecnologia é tão ecológica quanto a língua(gem) e que o futuro do pensamento científico pode estar em uma perspectiva ontológica simétrica da sociedade e dos sujeitos/atores que a constituem.

Palavras-chave: Dialogismo; Ator-Rede, Pós-humanismo



Renan Monezi Lemes

renan.monezi@gmail.com

orcid.org/0000-0001-7223-0241

Universidade do Estado de Mato Grosso, Mato Grosso, Brasil

ABSTRACT

The objective was to conduct an analysis through Latour's Actor-Network Theory and Bakhtinian dialogism to reveal dialogical relationships arising from the confrontation between the song Admirável Chip Novo and the asymmetry of modernity. For this purpose, a qualitative interpretative methodology was adopted. This exercise demonstrated an important dialogue with the theoretical assumptions of post-humanism. In the analytical considerations, it was observed that the song, through a perspective that framed modernity as a myth, revealed that the human being has always been hybrid and that this characteristic is consolidated as a facet of the constitution of being. Thus, it was concluded that technology is as ecological as language and that the future of scientific thought may lie in a symmetrical ontological perspective of society and the subjects/actors that constitute it.

Keywords: Dialogism; Actor-Network; Posthumanism

RESUMEN

El objetivo fue realizar un análisis a través de la Teoría del Actor-Red de Latour y el dialogismo bajtiniano para revelar relaciones dialógicas surgidas del enfrentamiento entre la canción *Admirável Chip Novo* y la asimetría de la modernidad. Para ello, se adoptó una metodología cualitativa interpretativa. Este ejercicio demostró un diálogo importante con los supuestos teóricos del post-humanismo. En las consideraciones analíticas, se observó que la canción, a través de una perspectiva que enmarcó la modernidad como un mito, reveló que el ser humano siempre ha sido híbrido y que esta característica se consolida como una faceta de la constitución del ser. Así, se concluyó que la tecnología es tan ecológica como el lenguaje y que el futuro del pensamiento científico puede estar en una perspectiva ontológica simétrica de la sociedad y los sujetos/actores que la constituyen.

Palabras clave: Dialogismo; Teoría del Actor-Red; Posthumanismo

Como citar:

LEMES, Renan Monezi. Admirável Chip Novo sob as lentes do dialogismo e da Teoria Ator-Rede: um manifesto ciborgue. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 69-87, jul./dez. 2024. Disponível em: . Acesso em: XXX.

Correspondência:

Nome por extenso do autor principal
Rua XXX, número XXX, Bairro XXX, Cidade, Estado, País.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos Creative Commons Attribution 4.0 International license
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o avanço tecnológico tem promovido transformações profundas em diversas esferas da sociedade, desafiando conceitos tradicionais sobre o ser humano e suas capacidades. A era digital, marcada pela quase onipresença da internet, algoritmos e inteligência artificial, inaugura um novo paradigma de existência: o sujeito pós-humano. Este conceito, enraizado em debates filosóficos, sociológicos e linguísticos, sugere uma redefinição da identidade humana, transcendente aos limites biológicos e interligada intimamente com as máquinas e sistemas digitais.

A noção de sujeito pós-humano levanta questões fundamentais sobre o que significa ser humano em um mundo onde a distinção entre o orgânico e o artificial se torna cada vez mais tênue. As interfaces cérebro-computador, os avanços na engenharia genética e a proliferação de próteses inteligentes são apenas algumas das inovações que reconfiguram o corpo e a mente humanos, expandindo nossas capacidades físicas e cognitivas. Essas tecnologias não apenas ampliam os horizontes do possível, mas também desafiam a ética, a moral e a filosofia que tradicionalmente orientam nossa compreensão da humanidade.

Em meio a essa complexidade de fatores emergentes, encontram-se cosmovisões e representações sociais que se manifestam através da arte. Considera-se, aqui, que arte e realidade/vida não são a mesma coisa, mas encontram significados parecidos quando se manifestam na individualidade dos sujeitos (Bakhtin, 2011). Nesse sentido, refletir sobre o que a arte tem a nos dizer enquanto sociedade, significa agir responsivamente frente aos construtos ideológicos advindos dos mais diversos tipos de funcionamentos e representações políticas e sociais.

Nesse contexto, é adotado, neste trabalho, uma visão dialógica e pós-humana da linguagem, do sujeito, da sociedade e do mundo. Dessa forma, este artigo busca revelar e analisar as relações dialógicas encontradas na canção *Admirável Chip Novo*, escrita e interpretada pela cantora de rock brasileira Pitty (2003). Foram tomados os postulados teóricos de Bakhtin e o Círculo para embasar as discussões através de um ponto de vista discursivo-ideológico e, também, as proposições contextuais da Teoria Ator-Rede de Latour (2013) como base para o pós-humanismo. Nesse sentido, será demonstrado como a canção engloba e desvela os conceitos de pós-humanismo em contraste com a modernidade.

Considera-se a realização de uma Linguística Aplicada (LA) crítica e transgressiva, que traga discussões relevantes e contemporâneas, e que revelem funcionamentos sociais através da língua(gem). (Rajagopalan, 2003; Pennycook (2006)

1. DIALOGISMO BAKHTINIANO

Pensar a língua em uso foi o desafio que Bakhtin e o Círculo tomaram para si. Na contramão das perspectivas estruturalistas da língua, os estudiosos supracitados aprofundaram seus estudos e análises na linguagem enquanto um sistema que produz sentidos através da história, cultura, ideologia e, também, da interação para com o outro. Com essa abordagem, Bakhtin inaugura o dialogismo e se afasta da visão linear e positivista que havia sido estabelecida entre língua e linguagem.

Nesse sentido, Bakhtin (2011) comprehende a língua como um sistema estável e normativo de signos linguísticos que é compartilhado por uma comunidade linguística. A língua representa o aspecto social e coletivo da linguagem, sendo um conjunto de convenções e regras que permite a comunicação e a compreensão mútua entre os falantes de uma determinada comunidade. Ela é composta por unidades menores, como palavras, orações e estruturas gramaticais, que são utilizadas pelos falantes para expressar seus pensamentos e ideias através de gêneros do discurso caracterizados como “tipos relativamente estáveis de enunciados”. (Bakhtin, 2011, p. 262).

Em meio a gama teórica do dialogismo, encontra-se a noção de relações dialógicas. Estas referem-se às interações entre diferentes vozes e perspectivas que ocorrem na comunicação humana. Bakhtin via a linguagem como um fenômeno social e interativo, no qual os indivíduos constroem significado e entendimento em relação aos outros. Bakhtin (2016) explica que:

As relações dialógicas são relações (de sentidos) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados no plano do sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica [...] (Bakhtin, 2016, p. 92).

Essas relações dialógicas não se limitam apenas à linguagem verbal, mas também se estendem a outros sistemas simbólicos, como a literatura, a arte e a cultura em geral. Bakhtin (2011) argumentou em *Estética da criação verbal* que essas formas de expressão artística são permeadas por diferentes vozes e discursos, e que seu significado é construído através da interação dessas vozes.

No contexto literário, por exemplo, Bakhtin (2011) enfatizou a importância do diálogo entre autor e leitor. Ele argumentou que um texto literário não é simplesmente uma transmissão unilateral das ideias do autor, mas um espaço de interação e negociação de significados entre o autor e o leitor. O leitor traz suas próprias experiências, conhecimentos e perspectivas para a leitura de um texto, e essa interação dialógica enriquece a compreensão e interpretação da obra.

Em resumo, as relações dialógicas são interações e diálogos constantes entre diferentes vozes e perspectivas presentes na comunicação humana. Essas interações moldam e influenciam a construção de significados e entendimentos, tanto na linguagem cotidiana quanto na arte e na literatura.

2. TEORIA ATOR-REDE

Latour (1988), Callon (1986) e Law (1987) conceberam a Teoria do Ator-Rede (TAR) buscando recuperar perspectivas sobre a formação da realidade social, explorando o que a existência coletiva, isto é, o que eles denominam como sociedade, se transformou.

A TAR emerge, então, como uma ontologia centrada nos objetos, com a finalidade de redefinir a sociologia a partir de uma abordagem que se concentra nas conexões entre atores. Um dos principais objetivos da TAR é identificar novas instituições, procedimentos e conceitos que possam reunir e reorganizar elementos do universo social.

Latour (1984; 2005) explica que a TAR, em seu projeto ontológico, objetiva romper com as dualidades existentes no pensamento científico moderno, como sociedade/natureza, humano/não humano, agência/estrutura, contexto/conteúdo, macro/micro, local/global.

Nesse entremeio, Latour (2013) identifica três fases na evolução da investigação científica. A primeira implica uma ruptura com a concepção tradicional da natureza, dando origem à compreensão da ciência como uma nova forma de explicar fenômenos e estabelecendo uma dualidade entre sociedade e natureza. A segunda envolve a problematização dessa abordagem "moderna" ocidental, considerando-a uma perspectiva particular para compreender a relação com a natureza e as diversas culturas.

É através desse ponto de reflexão que Latour (2013) propõe o princípio da simetria generalizada. Esse conceito visa: 1) evitar a imposição de pressupostos epistemológicos antes da pesquisa de campo; 2) dedicar atenção tanto à produção de seres humanos quanto de não humanos; e, por último, 3) posicionar-se como pesquisador em uma posição intermediária entre o tradicional e o novo, evitando o uso de conceitos preexistentes, como o da própria cultura como elemento fundamental na explicação dos diversos grupos sociais.

No que tange a simetria, é importante a noção de que esta não é uma tentativa de homogeneizar diferenças, mas sim realizar o exercício de dar o mesmo nível de atenção aos aspectos humanos e não humanos, de maneira que não haja sobreposição entre atores (Latour, 2013). De acordo com Tonelli (2016)

A partir da simetria generalizada é possível entender um pressuposto fundamental da TAR, relacionado com a recusa em perceber o mundo por meio de divisões entre polos distintos com qualidades intrínsecas. A simetria permite perceber que o mundo, a realidade e todas as entidades atuantes são produto de relações, fabricações e construções intermináveis, em que o objetivo e o subjetivo se misturam e se transformam. Cada entidade (por exemplo, um ministro de Estado, a pesquisa espacial, uma rede social, um computador ou a própria TAR) é marcada por um atributo imprescindível: o hibridismo entre humanos e não humanos. Não há como isolar características de um ou de outro. (Tonelli, 2016, p. 384)

Para a Teoria Ator-Rede, as entidades que povoam o mundo, sejam humanos ou não-humanos, são chamadas de actantes. Estas são definidas pelo conjunto de suas relações,

resultados de suas interações e conexões a outros actantes, dessa forma não se deve compreendê-las de forma isolada (Harman, 2009) e, em análises que se caracterizam por uma descrição densa, pode-se qualificá-los como mediadores ou intermediários (Latour, 2012). Os actantes mediadores são aqueles que tem a função de mediar algo e transformar outras entidades, enquanto os intermediários exercem a mediação, mas não transformam outros actantes. Os actantes mediadores são identificados pelos rastros/efeitos que deixam por suas ações.

Os diferentes actantes, quando se conectam, formam “redes” que se remetem a fluxos, circulações e alianças, cuja implicação de todos esses elementos têm a mesma importância, realizando ou sofrendo algum tipo de interferência (Freire, 2006). As redes são heterogêneas e congregam os humanos e não-humanos propiciando ações. As interações ou o trabalho que os actantes realizam ao se associarem e formarem uma rede são denominadas de translações. As translações são capazes de proporcionar mudanças, deslocamentos, associações e também potencializam a criação de novos vínculos (Latour, 2012).

3. A MODERNIDADE E A ESCALADA DO PÓS-HUMANISMO

Pensar, falar e escrever sobre a modernidade e pós-humanismo posiciona o ser humano em um local cinzento: nem claro nem escuro, nem frio nem quente, nem alto nem baixo. Esse exercício reflexivo configura-se como um fator metalinguístico, metacultural, metapsíquico e, também, meta-antropológico. Isso significa que essa prática transita entre o falar, o ser, o viver, o pensar e o agir, ou seja, no processo de alteridade entre sujeitos da linguagem. Tudo isso de maneira comparada à realidade. Mas a realidade de quem?

Assim, tomaremos uma metodologia qualitativa e interpretativista, pois, de acordo com Merriam (2009), o principal método de análise e coleta de dados desse tipo de pesquisa é a interação para com o objeto. Além do mais, a ótica interpretativista trata a realidade como socialmente construída, de diversas formas, vieses, versões e interpretações. Dessa forma, a interação entre indivíduos, história e cultura se relacionam na construção da pesquisa e dos caminhos adotados pelo pesquisador (Merriam, 2009).

3.1 Seria a modernidade um mito?

A Diversas são as perspectivas científicas que definiram a modernidade, muitas também as desconstruíram. De acordo com Gayubas (2023, on-line) a modernidade é “um conjunto de processos sociais e intelectuais que surgiram na Europa a partir do século XV”. Conforme o autor, esse período histórico foi marcado pela ruptura da ortodoxia religiosa e da valorização do pensamento, criticidade e racionalidade humana; pela ascensão do liberalismo na estrutura política e pela revolução industrial e tecnológica.

Em contrapartida à concepção supracitada, Latour (2013), em sua obra *Jamais fomos modernos*, defende o pensamento simétrico e híbrido do mundo e da sociedade, o qual rejeita a assimetria que causou a falsa concepção de modernidade. Escancara-se, então, o *mito da modernidade*, pois vislumbra-se que essa tal concepção foi aceita e compartilhada, pois é fruto do pensamento eurocêntrico que banalizava a vivência e o conhecimento produzido por outrem e fortalecia seus construtos, ignorantemente, em suas próprias crenças e carências. De acordo com Latour (2013, p. 83)

Não vivemos em uma sociedade que seria moderna porque, contrariamente a todas as outras, estaria enfim livre do inferno das relações coletivas, do obscurantismo da religião, da tirania da política, mas porque, da mesma forma que todas as outras, redistribui as acusações, substituindo uma causa – judiciária, coletiva, social – por uma causa – científica, não social, *matter-of-factual*.

Nesse viés, este trabalho defende a adoção de uma perspectiva em que a visão antropológica dos seres iguala humanos e não humanos e desconstrói relações de poder que emergem das análises orientadas pelas dualidades entre macro/micro, global/local e natureza/sociedade.

Assim, é possível observar a desconstrução da modernidade no posicionamento de Latour ao concluir que

Não estamos entrando em uma nova era; não continuamos a fuga tresloucada dos pós-pós-pós-modernistas; não nos agarramos mais à vanguarda da vanguarda; não tentamos ser ainda mais espertos, ainda mais críticos, aprofundar mais um pouco a era da desconfiança. Não, percebemos que nunca entramos na era moderna. Esta atitude retrospectiva, que desdobra ao invés de desvelar, que acrescenta ao invés de amputar, que confraterniza ao invés de denunciar, eu a caracterizo através da expressão não moderno (ou amoderno). É um não moderno todo aquele que levar em conta ao mesmo tempo a Constituição dos modernos e os agrupamentos de híbridos que ela nega. [...] Tanto os anti-modernos quanto os pós-modernos aceitaram o terreno de seus adversários. Um outro terreno, muito mais vasto, muito menos polêmico, encontra-se aberto para nós, o terreno dos mundos não modernos. É o Império do Centro, tão vasto quanto a China, tão desconhecido quanto ela. (Latour 2013, p. 51-52)

Vê-se, então, que Latour sugere que a ideia de modernidade é uma narrativa simplificadora que não leva em conta a multiplicidade de atores envolvidos na construção do mundo moderno. Ele propõe que a modernidade pode ser mais bem compreendida como uma rede de associações complexas, envolvendo humanos, tecnologias, instituições e outros elementos.

4. ADMIRÁVEL CHIP NOVO: UM MANIFESTO CIBORGUE

Nessa seção realiza-se um confronto entre a música Admirável Chip Novo e a assimetria da modernidade, demonstrando possíveis relações dialógicas.

Pane no sistema, alguém me desconfigurou

*Aonde estão meus olhos de robô?
Eu não sabia, eu não tinha percebido
Eu sempre achei que era vivo (Pitty, 2003)*

Percebe-se, na primeira estrofe da música, a revelação do hibridismo em dois níveis: o mental/psicológico e o físico/tangível. O sistema em pane e a capacidade de achar, ou seja, pensar, demonstra a psiquê, enquanto a procura pelos olhos de robô revelam influências físicas. Através desta interpretação, vê-se que a representação do ser, aqui, se dá pela formação biológica e tecnológica dos sujeitos, o que acarreta controvérsias por consequência da falta de entendimento e percepção de si. Assim, essa estrofe revela a crise existencial do ser humano que acredita ser moderno, mas exclui a possibilidade de hibridismo.

A pane no sistema, a desconfiguração, a procura pelo objeto, a confusão entre o saber e o desconhecido e o desmonte daquilo que se pensava ser real, demonstram, através de uma metáfora, a desconstrução do falso moderno e o vislumbre do engano. Como explica o próprio Latour (2013, p. 45), a modernidade “[...] é muito mais que uma ilusão e muito menos que uma essência.”.

Essa percepção vai ao encontro da noção bakhtinana de sujeito, que não está totalmente assujeitado aos discursos sociais (Fiorin, 2006). Nesse sentido, o discurso moderno passou a ser questionado, tornando-se um terreno instável.

O mito da modernidade enraizou nos seres a compreensão do que seria ser/estar vivo e ativo em uma sociedade controlada por epistemes assimétricas. Já o questionamento, a confusão e a quebra de paradigmas seriam a desconfiguração, ou seja, o choque que a ontologia simétrica é capaz de realizar. No trecho “eu sempre achei que era vivo”, nota-se a massiva influência que a ideologia dominante causa nos seres ou actantes. Volochinov (2013, p. 138) explica que

Por ideologia entendemos todo o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se sucedem no cérebro do homem, fixados por meio de palavras, desenhos esquemas ou outras formas sígnicas.

Nas palavras de Konder (2002, p. 57)

Não existe imunidade contra a ação sutil da ideologia: ela pode se manifestar tanto na percepção sensível como na análise e na reflexão; pode aparecer tanto na pretensão à universalidade como na resignação à particularidade. O pensamento pode se perder tanto na abstração como na empiria. A sensibilidade pode falhar sendo intensa ou enfraquecida.

Nesse caminho, a linguagem é “o lugar mais claro e completo da materialização do fenômeno ideológico” (Miotello, 2012, p.170). Assim, o fator controle pode ser atrelado, por exemplo,

ao *capitalismo de vigilância*¹, revelado através da discursividade estabelecida entre o eu lírico da música e sua relação para com o mundo social.

*Parafuso e fluído em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico é tudo programado
E eu achando que tinha me libertado (Pitty, 2003)*

Nessa próxima estrofe, verifica-se a desconstrução da ideologia que dominava a compreensão do ser como indivíduo socialmente ativo. De acordo com Franco (1990, p. 66):

[...]compreender o indivíduo significa explicitar a especificidade de sua atividade no contexto de uma configuração social. Significa, ainda, conhecer os motivos e objetivos de suas ações que, mediadas pelo pensamento e linguagem, refletem a consciência social dos indivíduos, a qual, na atividade prática concreta, não somente se manifesta, como também se desenvolve e, ao desenvolver-se transforma o mundo e se transforma.

Nesse caminho, onde pensava-se haver humanidade, na verdade, havia coisificação. Onde achava-se que reinava o orgânico, a natureza e a originalidade, reverberava a programação, isto é, o pensamento do outro enraizado nos seres, a falsa liberdade pregada pela assimetria do mito moderno. Através disso, foi possível a noção de que a modernidade prezava pela descontinuidade do ser-humano globalmente crítico e a instituição da episteme que ganhou no injusto jogo de poder dos pensamentos.

Nesse contexto, cabe o questionamento sobre a emergência da criticidade enquanto um fator determinante para a elaboração da história do desenvolvimento da era moderna. Se a modernidade se instituiu através da valorização do ser humano crítico e racional, por que, na atualidade, busca-se fortalecer epistemes fora do círculo dominantemente europeu e aumentar o poderio, alcance e influência das produções científicas do Sul Global? Qual o motivo do árduo exercício de propor a decolonialidade nas ciências?

Estas perguntas nos levam a identificar o desenvolvimento proposital de uma rede que propunha a subserviência de povos aos pensamentos dominantes. “*Je pense, donc je suis*”, “*Cogito, ergo sum*” ou “*Penso, logo existo*” (Descartes, 1989) é uma demonstração da dominância epistêmica do mito moderno. O filósofo e matemático francês René Descartes inaugurou a filosofia moderna em sua obra *O discurso do método*, na qual tentava instituir a verdade absoluta, o verdadeiro conhecimento, um discurso irrefutável e inquestionável. O autor, então, passou a duvidar de tudo e concluiu que tudo é refutável, menos a existência da própria dúvida. Nesse sentido, duvidar é pensar, e pensar é existir. Assim, a existência liga-se diretamente ao pensamento ativo. Mas o questiona-se: o pensamento de quem?

¹ Essa terminologia foi usado e popularizado por Shoshana Zuboff que denota um novo gênero de capitalismo que monetiza dados adquiridos por vigilância.

Quando se pressupõe que o pensamento de Descartes se restringe a uma análise racional das ciências, baseado em dúvidas e marcado pelo ceticismo metodológico, observa-se a formação de uma concepção interna que exclui pensamentos advindos da fé, das experiências individuais, das crenças e da fuga da necessidade de conclusibilidade. Quando o método cartesiano se instaura com o foco na racionalidade, objetiva-se, então, apagar a subjetividade dos seres e colonizar epistemes fluidas e/ou (sobre)naturais. Para Latour, a epistemologia moderna se constrói sob a base da invenção de um real, concebido como um mundo exterior (Latour, 2001). Nesse sentido, toda intangibilidade esvazia-se das ciências, isto é, tudo que foge do raciocínio “moderno” é fruto da falta de dúvidas, da negação do pensar e da construção do *não existir*. Então, seguindo essa lógica, quem pensa diferente não existe.

De acordo com Latour, os modernos:

[...] não se sentem distantes da Idade Média por alguns séculos, mas separados dela por revoluções copernicanas, cortes epistemológicos, rupturas epistêmicas que são tão radicais que não sobrou nada mais deste passado dentro deles – que nada mais deste passado deve sobreviver neles. (Latour, 2013, p. 68).

Nesse mesmo contexto, destaca-se o desmantelamento do mundo e da sociedade, a classificação e etiquetagem de sujeitos a partir do pensar/ser/existir. A separação dos diferentes pensamentos, o desdém pela não conclusibilidade racionalística e a manifestação da dominância europeia sobre os imaginários sociais, demonstram a assimetria antropológica que o cartesianismo se dispõe.

É possível avaliar a supra discussão como uma episteme colonial e assimétrica, que desconsidera o hibridismo em todos os seus níveis de manifestação, seja ele tangível ou intangível. Desse modo, a filosofia moderna inaugurada por Descartes corresponde à não valorização de seres heterogêneos e híbridos, sejam vivos ou não. Nesse mesmo contexto, Latour defende que

Os modernos têm a particularidade de compreender o tempo que passa como se ele realmente abolisse o passado antes dele. [...] Já que tudo aquilo que acontece é para sempre eliminado, os modernos têm realmente a sensação de uma flecha irreversível do tempo, de uma capitalização, de um progresso. Mas como essa temporalidade é imposta a um regime temporal que corre de forma totalmente diversa, os sintomas de um desentendimento se multiplicam. [...] Estaremos realmente tão distantes de nosso passado quanto desejamos crer? Não, já que a temporalidade moderna não tem muito efeito sobre a passagem do tempo. O passado permanece, ou mesmo retorna. E esta ressurgência é incompreensível para os modernos. Tratam-na então como o retorno do que foi recalado. Fazem dela um arcaísmo. [...] Se existe algo que somos incapazes de fazer, podemos vê-lo agora, é uma revolução, quer seja na ciência, na técnica, em política ou filosofia. (Latour 2013, p. 67)

No trecho da canção “e eu achando que tinha me libertado”, foi realizado o exercício de comparar o racionalismo ao ser que acredita que a liberdade encontra-se na conclusibilidade do pensamento crítico. A programação é, então, um projeto discursivo em rede, ou seja, a formação

de elos do discurso que se ligam e desenvolvem redes ativas que pretendem (trans)formar todos em um, ou seja, um sujeito existe, pois pensa que A + B = C, assim como os modernos. Porém, se A + B, em outra cultura e cosmovisão resultar em D, o sujeito não está pensando e, consequentemente, não existe.

*Mas lá vem eles novamente
Eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema (Pitty, 2003)*

No caso do não pensar e, logo não existir, inicia-se o funcionamento de demasiadas tentativas de controle e dominação, nesse sentido, contempla-se a reiniciação do sistema que resulta no ato de apagar a revolução e reinstalar o pensamento dominante². Assim, Latour defende que

Por crer na separação total dos humanos e dos não-humanos, e por simultaneamente anular esta separação, a Constituição tornou os modernos invencíveis. [...] À esquerda, as coisas em si; à direita, a sociedade livre dos sujeitos falantes e pensantes. Tudo acontece no meio, tudo transita entre as duas, tudo ocorre por mediação, por tradução e por redes, mas este lugar não existe, não ocorre. É o impensado, o impensável dos modernos. [...] Ao separar as relações de força de ordem política das relações de razões de ordem científica – mas sempre apoiando a razão sobre a força e a força sobre a razão – os modernos sempre tiveram duas cartas sob as mangas. Tornaram-se invencíveis. (Latour 1994, p. 42-43)

A invencibilidade dos modernos está diretamente atrelada ao controle político que foi estabelecido pelas grandes nações abocanhadas pelo capitalismo liberal. A afirmação e reafirmação do pensamento crítico com base racionalista e, mais a frente, iluminista, proporcionou a tomada de poder do mito moderno no imaginário social coletivo humano. O fortalecimento de dicotomias e as separações entre o natural e o social são responsáveis pela dominância dos seres orgânicos sob os não orgânicos. Nesse caminho, os sentidos produzidos pelas redes humanos-humanos são do interesse moderno, porém, as relações que formam as redes humanos- não humanos, são utópicas, pois o modelo assimétrico de ontologia não reconhece a interação destes dois actantes e muito menos a produção de sentidos entre os tais.

*Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Tenha, more, gaste, viva*

*Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga*

*Não senhor, sim senhor
Não senhor, sim senhor (Pitty, 2003)*

² Pode-se exemplificar essa questão pela maneira com a qual os colonizadores agiam em suas conquistas: impondo sua língua, cultura e religião, ou seja, sua cosmovisão.

A canção afoga-se em imperativos que agem como uma metáfora ao controle que se tem sobre os seres e saberes. A informação e o pensamento dos povos diluiu-se na subjetividade e transformou-se em empirismo sem lógica, sendo assim desvalorizados e subjugados ao bel prazer dos soberanos. Nesse sentido, a negação do natural e o afastamento da constituição heterogênea dos seres-humanos são evidenciadas. De acordo com Latour, os modernos

podem mobilizar a natureza no seio das relações sociais, ao mesmo tempo em que a mantêm infinitamente distante dos homens; são livres para construir e desconstruir sua sociedade, ao mesmo tempo em que tornam suas leis inevitáveis, necessárias e absolutas. (Latour, 2013, p. 43)

No contexto de reinstalação, as influências políticas passam a servir à modernidade assimétrica funcionando como softwares antivirais que “limpam” a memória corrompida e a retomam em sua forma original e límpida, como um quadro em branco, pronto para ser colorido. Esse funcionamento está conectado às ideologias políticas emergentes da modernidade.

O projeto de ascensão do liberalismo, ideologia política instigada pelas epistemes modernas da Europa, se deu em contrapartida ao sistema monárquico de poder. Inicialmente era um conjunto de teorias políticas baseadas na liberdade e nos direitos naturais do ser humano, com base nas ideias do filósofo inglês John Locke. Com o grande “boom” capitalista na Europa, o terreno tornou-se fértil para a aplicação das ideias do filósofo e economista inglês Adam Smith que formulou o liberalismo econômico. Na concepção deste pensador, o Estado deveria ter uma presença mínima na influência sob a economia. Dessa maneira, a Europa oitocentista e os Estados Unidos, que eram lugares altamente industrializados, fortaleceram o capitalismo através dos ideais liberais.

A iniciativa privada passou, então, a possuir plenos poderes sobre o funcionamento econômico das sociedades capitalistas e liberais, fortalecendo assim as palavras de ordem como explicitadas em Admirável Chip Novo. Nesse contexto, mais uma vez, fita-se a formulação de redes através de discursos fundidos às ideologias advindas do mito moderno que buscaram regular o imaginário social.

Os fatores expostos concomitam com o seguinte posicionamento de Latour:

Racionalistas decepcionados, seus adeptos sentem claramente que o modernismo terminou, mas continuam a aceitar sua forma de dividir o tempo e não podem, portanto, recortar as épocas senão através de revoluções que se sucederiam umas às outras (Latour, 2013, p. 50).

Nesse sentido, as novas revoluções guiadas pelo mito moderno são maneiras desesperadas de manter o controle das dominâncias.

4.1 Jamais fomos humanos. sempre fomos pós-humanos.

A canção instiga o pensamento sobre uma sociedade híbrida, mas que é regida por redes discursivas, por malhas conectadas a filosofias e cosmovisões dominantes. A assimetria ontológica obrigou que as ciências perpetuassem relações de poder dos mais diversos tipos: políticas, históricas, sociais, culturais e, até mesmo, linguísticas.

Tendo em vista estas considerações, é oportuno advogar que Admirável Chip Novo possui um sentido discursivo que instaura um funcionamento de manifesto, podendo ser um manifesto dos híbridos ou manifesto ciborgue. Inspirados por Haraway (2000), entende-se que ciborgue é um sistema vivo, mas com apêndices não orgânicas/naturais/inatas. Além do mais, o conceito de ciborgue vai muito além da interação homem- máquina, ultrapassando a barreira do pensamento humanista ocidental e deleitando-se em um processo de produção de sentidos, identidades, saberes e dizeres descoporificados.

As sociedades entraram em uma era altamente tecnológica na qual seres humanos que já faleceram foram “ressuscitados” por inteligências artificiais e realizaram shows musicais e até mesmo propagandas televisionadas³. A distância entre o real e o imaginário tem sido cada vez mais encurtada, e até a morte, de alguma maneira, tem sido ludibriada. Nesse contexto, a tecnologia tem agido como uma dupla mediação entre natureza e sociedade que co-constrói, de maneira performática, os objetos e os sujeitos ao passo que os interconecta em redes.

Socialmente construída e articulada pelos seres humanos, a tecnologia desempenha um papel fundamental na formação da sociedade, refletindo a perspectiva construtivista dos estudos sociais contemporâneos sobre ciência e tecnologia (Akrich, 1994). Complementando a visão dos sociólogos de ação, que afirmam "nenhum humano, nenhuma sociedade" (intersubjetividade), os estudiosos adicionam uma inversão intrigante, propondo que "nenhum objeto, nenhuma sociedade" (interobjetividade) é igualmente relevante (Latour, 2013). Além disso, os analistas pós-modernos da ciência e tecnologia argumentam que a ausência de objetos não apenas resultaria na inexistência da sociedade, mas também na inexistência dos próprios seres humanos.

Mike Michael (2000, p. 1) defende, através da TAR, que

Há nenhum humano no mundo. Ou melhor, humanos são fabricados –na linguagem, através de formações discursivas, em suas várias ligações com atores tecnológicos e naturais, por meio de redes que são compostas heterogeneamente de humanos e não-humanos, que são eles mesmos da mesma forma compostos.

Nesse contexto, a formulação de ideias e a distopia entre o pensamento dos seres deixa de ter tanta importância, pois enfrenta um paradigma ainda mais complexo: a existência humana

³ Como foi o caso da cantora Elis Regina. A artista foi protagonista de uma propaganda da Volkswagen, “ressuscitada” através de tecnologias de inteligência artificial. Uma matéria publicada pelo G1 sobre a propaganda pode ser acessada no link: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2023/07/04/elis-regina-aparece-cantando-ao-lado-da-filha-maria-rita-em-campanha-da-volkswagen-feita-com-inteligencia-artificial.ghtml> Acesso em: 10 jun. 2024.

depende da tecnologia e de sua evolução. Neste eixo, a evolução dos seres humanos não mais se baseia apenas nas adaptações e mudanças biofisiológicas, mas sim no desenvolvimento de um mundo maquínico que dá condições para formulações pós-humanas. Seria, então, o fim da evolução humana baseada restritamente no biológico adaptável.

Liberado de seus instrumentos, de seus gestos, de seus músculos, da programação de seus atos, de sua memória, liberado de sua imaginação pela perfeição dos meios teledifundidos, liberado do mundo animal, vegetal, do vento, do frio, dos micróbios, do desconhecido das montanhas e dos mares, o homo sapiens da zoologia está provavelmente perto do fim de sua carreira (Leroi-Gourhan, 1964, p. 266).

Dessa forma, o homem-máquina passa a ser integrado enquanto visão de sujeito. A constituição dos seres passa por uma transformação epistemológica na qual a razão ocidental é desintegrada e o pós-humano entra em cena. Considera-se, então, que essa discussão, através da análise da música Admirável Chip Novo, respalda a concepção de que a modernidade é uma abstração europeia que foi demandada pela necessidade de dominação. Em consonância, é necessário afirmar que sempre fomos pós-humanos, pois antes mesmo da descoberta do fogo, o ser humano primitivo já interagia com a natureza, muitas vezes modificando-a e, assim, produzindo tecnologias. Nesse caminho, o hibridismo, além de ser histórico, aproxima-se do inatismo, pois parte do princípio da necessidade de sobrevivência. Resumimos isso da seguinte maneira: o hibridismo está na base da constituição humana (Marchesini, 2021).

5. DESVELANDO RELAÇÕES DIALÓGICAS: A SIMBIOSE ENTRE O SER-HUMANO E A TECNOLOGIA E A ASCENÇÃO DO HIBRIDISMO ENQUANTO CONSTITUIÇÃO DE SUJEITO

5.1 A simbiose

No confronto entre a letra de Admirável Chip Novo e a concepção pós-humana, foi determinante destacar a simbiose entre ser humano e tecnologia enquanto uma das relações dialógicas encontradas. Neste viés, foi possível visualizar que o embate entre a arte e a vida propiciaram, através de uma abordagem dialógica, uma visão reveladora sobre o que vemos funcionar na realidade que constitui a vida contemporânea.

Assim, Marchesini (2021) ao explicita que

uma tecnologia não pode ser considerada uma simples extensora ou potencializadora de qualidades humanas que permanecem inalteradas, porque a *téchne* opera como um vírus, isto é, entra no soma como em uma célula e o reorganiza em um plano ontológico diferente. (On-line)

Através destas discussões, arquitetou-se a ideia de que a sociedade tecnológica é resultado do homem tecnológico. Marchesini (2021) explica que o ser humano está em sintonia com toda a biosfera. Essa afirmação demonstra um pensamento simétrico no qual todos os actantes de uma

rede possuem sua importância. Isso significa que as redes formadas através das interações de seres humanos dotados de tecnologia agenciam a realidade social e, também, natural. Nesse contexto, a interação do homem com máquinas proporciona alterações no ambiente em que vive, ressignificando preceitos da modernidade. Considera-se, então, que as ideias modernas se baseavam em uma sociedade hegemônica que era guiada pelo homem⁴ branco e heterossexual enquanto as pós-humanas elencam a diversidade em níveis biológicos, psíquicos e emocionais. Marchesini advoga, quanto a tecnologia, que

De acordo com a filosofia pós-humanista, a *téchne*, portanto, não tem uma função ancilar, isto é, simplesmente a serviço do ser humano, mas representa um parceiro ecológico na história da humanidade, com a qual a nossa espécie estabeleceu uma relação coevolutiva que a torna uma espécie de canteiro de obras aberto, ou seja, em devir. (2021, on-line)

Esse relacionamento do ser-humano para com a tecnologia demonstra a formação de uma coletividade integrada, nesse sentido os processos de comunicação e construção de significados são mediados pelas interações do humano em sua pós constituição. Vê-se funcionar, então, “[...] o derretimento das fronteiras entre o humano e animal, entre gêneros, entre humano e maquinico, natural e artificial, mente e corpo, físico e não físico.” (Felinto; Santaella, 2012, p. 30).

Cabe, então, a visão de uma linguagem ciborgue (Haraway, 2000) que constitui uma tríade pós-humana: o ser humano híbrido, uma linguagem tecnodiscursiva e a sociedade heterogênea de base natural.

O ser humano híbrido seria um conceito performático que valida a tecnologia enquanto objeto de constituição do sujeito, que não só medeia, mas influencia práticas sociais, sendo semiautônomas ou não. Já a linguagem tecnodiscursiva seria a relação entre os discursos e interdiscursos que constituem a realidade dialógica da comunicação humana, realizando assim, um exercício de alteridade entre os atores nas formulações de redes discursivas, elencando, então, artefatos não vivos, mas que constituem o homem híbrido. Além do mais, verifica-se que a língua(gem) em pleno funcionamento caracteriza-se como ecológica, pois é tão constitutiva do ser humano quanto a tecnologia. E por fim, a sociedade heterogênea de base natural seria a formação das redes que se desenvolvem através da ação de atores (mediadores ou intermediários) que se distanciam da hegemonia, se conectando integralmente com as diferenças. Nesse viés, as diferenças seriam totalmente naturalizadas e alocadas no domínio individual dos seres, porém teriam uma importância destacada na formação das redes, pois seriam subjetividades individuais que justificariam ações e interações de atores.

⁴ O termo *homem* está sendo tratado na literalidade, ou seja, diretamente ligado ao gênero masculino.

5.2 O sujeito pós-humano

O pensamento simétrico defendido por Latour (2013) corrobora com uma investigação antropológica que detém os saberes e viveres de uma sociedade mesclada entre seres humanos e tecnologias das mais diversas funções, valores e desempenho. Nesse caminho, a constituição do sujeito passa a se ressignificar em meio ao mundo maquínico, pois é inevitável que a hibridização seja neutralizada.

Nas discussões anteriores, foi revelado que o “eu lírico” da canção Admirável Chip Novo entra em crise existencial por estar questionando sua formação sistemática. A interação do orgânico e não orgânico foi implantada de maneira confusa e assimétrica, ao ponto que o sujeito deixou de reconhecer-se e percebeu que teve seus pensamentos apagados pelo rompimento epistemológico de outrem.

Através desses preceitos, abre-se um leque de possibilidades no que tange a constituição do sujeito pós-humano. Conforme Santaella (2007), os aparatos tecnológicos se fundem à fisicalidade dos corpos para se tornarem cada vez mais imperceptíveis e invisíveis. Mesmo que as tecnologias se desenvolvam e se sofistiquem, não são demasiadamente estranhas ao aspecto orgânico e biológico. Esse funcionamento demonstra uma hibridização efetiva, não perturbativa, que embora artificial, ocorre o quanto natural possa ser. Porém, o pós-humano não se refere a uma transcendência extracorpórea ou surreal, apenas no campo das ideias, mas significa uma junção naturalizada e real do corpo, da mente e da máquina. Não é mais possível pensar a constituição dos sujeitos aquém das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e tecnologias inteligentes, protótipos, concretudes e práticas do pós-humano.

Monteiro (2012, p. 75), advoga que “A importância das tecnologias e das ferramentas não está nelas mesmas, mas na sua relação com o homem, ou seja, com as misturas que tornam possíveis ou que as tornem possíveis designadas simbioses ou amálgamas [...].” É nesse *mix* que o sujeito ao tornar a máquina parte de seu corpo, faz-se um sujeito híbrido que gera, recebe e compartilha pensamentos. Nesse sentido “Um ser miscigenado e hipercomplexo está emergindo.” (Santaella, 2007, p. 54).

Esse ser pode ser nomeado como ciborgue, como discutido anteriormente. De acordo com Felinto e Santaella (2012, p. 113), a figura do ciborgue mancha as fronteiras entre organismos e máquinas, “Afinal, nele não se reconhecem mais as linhas entre o natural e o artificial.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, objetivou-se analisar a canção Admirável Chip Novo através do dialogismo, principalmente o estabelecimento de relações dialógicas, e dos pressupostos da Teoria Ator-Rede. As análises demonstraram a instabilidade do conceito de modernidade. Dessa forma, ela foi

abordada como um mito e a realocada enquanto uma ideologia dominante que buscava homogeneizar as sociedades e subjugar quem não seguia seus preceitos.

Com a desconstrução do mito moderno, foi oportuno relacionar o “eu lírico” da canção com o ser pós-humano que rompe com paradigmas assimétricos, entra em crise ideológica e se vê frente a uma nova realidade de sua constituição enquanto sujeito. Nesse contexto, foi mister refletir sobre o ser humano híbrido e sua interação para com tecnologia. Por conta disso, estabeleceu-se o pensamento sobre a simbiose humana e tecnológica e vislumbrou-se a formação de uma tríade: o ser humano híbrido, uma linguagem tecnodiscursiva e a sociedade heterogênea de base natural.

Além do mais, as relações dialógicas demonstraram a necessidade de elencar a constituição do sujeito pós-humano, rompendo, mais uma vez, com as discussões assimétricas da modernidade.

Por fim, este trabalho pode ser considerado uma porta para novas produções que partam do princípio discursivo, em um sentido dialógico, e que se utilize das redes latourianas para uma abordagem simétrica dos objetos de estudo. Assim, após toda construção teórica e analítica, considera-se a realização de uma (Antropo)Linguística Aplicada de base ontológica simétrica.

REFERENCIAS

- AKRICH, Madeleine. Comment sortir de la dichotomie technique/société. Présentation des diverses sociologies de la technique. In: Latour, B. and Lemonnier, P. (eds.). **De la préhistoire aux missiles balistiques: L'intelligence sociale des techniques**. Paris: Editions la découverte, 1994. p. 105-131.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**: Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.307-336.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- CALLON, Michel. The sociology of an actor-network: the case of the electric vehicle. In: CALLON, M.; RIP, A.; LAW, J. (ed.). **Mapping the dynamics of science and technology**: Sociology of Science in the Real World. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 1986. p. 19-34
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FELINTO, Erik; SANTAELLA, Lúcia. **O explorador de abismos**. São Paulo: Paulus, 2012
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ed. Ática, 2006.
- FRANCO, M. L. B. Pressupostos epistemológicos da avaliação educacional. **Cadernos de Pesquisa**, n. 74, Fundação Carlos Chagas, 1990. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1084/1089> Acesso em: 7 dez. 2023.
- GAYUBAS, Augusto. **Modernidade**: Enciclopedia Humanidades, 2023. Disponível em: <https://humanidades.com.br/modernidade/>. Acesso em: 7 dez. 2023.
- HARMAN. Graham. **Prince of networks**: Bruno Latour and metaphysics. Melbourne: RePress, 2009.
- HARAWAY, Donna. A Cyborg manifesto: science, technology, and socialist-feminism in the late twentieth century. **Socialist Review**, v. 15, n. 2, p. 65-108, 1985.

- HARAWAY, Donna, KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**, Belo Horizonte, Autêntica, 2000.
- KONDER, L. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LATOUR, Bruno. Mixing humans and nonhumans together: the sociology of a door-closer. **Social Problems**, v. 35, n.3, p. 298-310, 1988.
- LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru: EDUSC, 2001. ISBN 85-7460-062-8.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador: UFBA, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012. 400 p.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.
- LAW, John. The structure of sociotechnical engineering: a review of the new sociology of technology. **The Sociological Review**, v. 35, n. 2, p. 404-425, 1987.
- LEROI-GOURHAN, Albin. Le geste et la parole. Vol. 1: Technique et language, Vol. 2: Lamémoire et les rythmes. Paris: Albin Michel, 1964.
- MARCHESINI, Roberto. **Sempre fomos pós-humanos**: filosofia pós-humanista e natureza humana. Instituto Humanistas Unisinos, 25 de março de 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/607810-sempre-fomos-pos-humanos-filosofia-pos-humanista-e-natureza-humana-artigo-de-roberto-marchesini> Acesso em: 11 dez. 2023.
- MERRIAM, Sharan B. **Qualitative research**: a guide to design and implementation. San Francisco: Jossey-Bass/Wiley. 2009.
- MICHAEL, Mike. Reconnecting Culture, Technology and Nature: From Society to Heterogeneity. London: Routledge, 2000.
- MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2012.
- MONTEIRO, Silvana Drumond. A dobra Semiótica e os agenciamentos maquínicos: por uma ontologia das Tecnologias da Informação e Comunicação. In: CERVANTES, Brígida Maria Nogueira (org.). **Horizontes da organização da informação e do conhecimento**. Londrina-PR: Eduel, 2012. Cap. 3.
- PENNYCOOK, Alastair. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.p. 67-83.
- PITTY. Admirável chip novo. In: Admirável chip novo.CD. Faixa 1-11. 2003.
- RAJAGOPALAN, Kanagaraja. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.
- SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007. (Comunicação).
- SEAVER, Nick. Knowing Algorithms. In: VERTESI, J.; RIBES, D. (org.). **Digital STS**: A Field Guide for Science & Technology Studies. Princeton Univrsity Press, 2019. pp.412-422.
- SILVEIRA, Sérgio. Amadeu. **Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas**. São Paulo: Edições SESC-SP, 2019.
- SLOTERDJIK, Peter. **Regeln für den Menschenpark**: Ein Antwortschreiben zu Heideggers Brief über den Humanismus. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1999.
- TONELLI, Dany Flávio. Origens e afiliações epistemológicas da teoria ator-rede: implicações para a análise organizacional. **Cad. EBAPE.BR**, v. 14, n. 2, Artigo 9, Rio de Janeiro, abr./jun. 2016. p. 377-390.

VOLOCHÍNOV, V. N. A construção da enunciação. In: VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, pp. 157-188.

ZUBOFF, Shoshana. **The Age of Surveillance Capitalism**: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power. New York: PublicAffairs, 2019.

O AUTOR

Renan Monezi Lemes

Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso. Graduado em Letras- Português/Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Membro do grupo de pesquisa Linguagem, Tecnologia e Contemporaneidade em Linguística Aplicada (LINTECLA). E-mail: renan.monezi@unemat.br